

CRIAÇÃO E CRÍTICA

IR À NOITE DA LINGUAGEM: ENSINO NOTURNO & LITERATURA

Mariana Ruggieri¹

Resumo: Este curto ensaio se dedica a refletir sobre o ensino de literatura no período noturno, em salas de aula atravessadas pelo tempo do trabalho e pela escassez do tempo de leitura extraclasse. A partir de algumas leituras realizadas coletivamente, penso sobre a produtividade de se pensar o trabalho em sala de aula junto às suas irrupções inesperadas no cotidiano do ensino.

Palavras-chave: Ensino Noturno; Literatura; Walt Whitman; Jacques Rancière

INTO THE NIGHT OF LANGUAGE: NIGHT CLASSES & LITERATURE

Abstract: This short essay reflects upon teaching literature in night classes, in classrooms traversed by the temporality of labor and by the insufficiency of the time available for home reading. Taking into account some of our collective readings, I consider the productivity of thinking about labor in the classroom alongside its unexpected apparitions.

Keywords: Night Classes; Literature; Walt Whitman; Jacques Rancière

Os cursos noturnos parecem viver à margem do funcionamento da universidade, como uma espécie de quarto dos fundos: professores do noturno quase não cruzam com colegas nos corredores; estudantes raramente acessam os inúmeros outros eventos que os institutos e faculdades sediam e que também deveriam compor sua formação. Mas é em suas salas de aulas onde acontecem os experimentos mais radicais de democracia. Quando penso em uma universidade verdadeiramente popular — a universidade do *povo que falta*² — penso nas minhas turmas do noturno. A oposição trabalhador x

¹ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Professora de Teoria Literária na Universidade Federal do Ceará. E-mail: ruggieri.mari@gmail.com

² Ver DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: _____. Crítica e clínica. São Paulo: Ed.34, 2004, p.11-16.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

estudante se dissolve e estudantes podem ser também atendentes de telemarketing, secretários, assistentes sociais, pedagogas, empregadas domésticas, cobradoras de ônibus, estivadores, enfermeiras. É o trabalho, muito mais do que o estudo ou o lazer, que consome grande parte de seus dias. Quando chegam para estudar à noite, após já terem trabalhado 8 horas, sem contar o tempo de deslocamento entre a casa e o trabalho, o trabalho e a universidade, a universidade e a casa, suas pálpebras estão pesadas. O milagre maior, penso sempre, é eles estarem ali. Recebendo-os na universidade, em seu primeiro ano de ingresso, sei que muitos não concluirão o curso³. Além disso, as licenciaturas do noturno possuem uma carga horária significativamente menor dedicada à literatura, então tento transformar esse fato em um elemento norteador para as disciplinas obrigatórias de Teoria da Literatura I & II: trata-se menos, portanto, de constituir algo como uma base sobre a qual o restante do curso poderá se sustentar, mas de produzir um tipo de experiência, a constituição de uma coletividade em torno da leitura.

A ausência de um tempo dedicado ao estudo fora da sala de aula exige que as concepções que temos sobre o estudo “em nível de graduação” sejam modificadas, sobretudo em Teoria da Literatura I. Um dos elementos principais dessa modificação é que a leitura deve ser realizada prioritariamente em sala de aula. Sob a luz atenuada dos holofotes do estacionamento que atravessa as janelas e seu insulfilm escuro (instalado para barrar o sol do dia), lemos em voz alta. A voz vai circulando, um imenso boca a boca, algumas mais tímidas, falhando, outras límpidas, imprimindo expressão e ritmo ao texto. Quando lemos poemas, sobretudo, eles insistem para que eu os leia por inteiro — uma estudante me explicou que, diferente da prosa, a leitura de poemas em voz alta exige uma intimidade prévia com as cesuras e andamentos. Ela tem razão. A gente precisa ler um poema muitas vezes até que ele funcione em voz alta. No começo, me sentia estranha nessa função — me perguntava se era preciso um doutorado para estar ali, lendo em voz alta. Depois de um tempo achei até que cantar para eles era justificável — quanto da nossa produção literária (para muito além da canção) não está contida em

³ Segundo dados do Censo da Educação Superior de 2022, em torno de 50% dos estudantes do sistema público de ensino superior no país abandonam seus cursos. Ver: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/resumo-tecnico-do-censo-da-educacao-superior-2022>

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

pontos de jongo, maracatus e sambas? Minha voz no início saiu tímida, depois um ou outro se juntou. Não bem um coro, mas um encontro na matéria porosa do ar, a criação de uma reverberação. “A música fica mais fácil na cabeça que o poema”, me disseram na aula seguinte. São pequenas análises teóricas que eles vão fazendo, sem necessariamente reconhecê-las como tais.

Quando apresento alguns poetas e autores, muitas vezes a primeira pergunta é se trabalhavam ou se exerciam alguma profissão. Na visão de muitos dos meus estudantes, não trabalhar torna a pessoa uma escritora pior — a ausência dessa experiência constituiria uma espécie de desvantagem epistemológica. Digo a eles que o escritor preferido de Marx — Balzac — era conservador, admirava a aristocracia e temia a ascensão das massas empobrecidas. Eles se convencem mais ou menos (porque não são marxistas e sim materialistas *nem sempre dialéticos*) e vibram, então, quando Walt Whitman emerge, com suas roupas ordinárias e seu chapéu, comandando uma procissão de gestos laborais. Whitman exerce um efeito agregador interessante, permitindo que discutamos homossexualidade ao mesmo tempo em que mencionamos sua observação detida dos pregadores e sua prosa salmódica, transformando sua poética em uma espécie de sutura possível para algumas tensões que subjazem a essa comunidade temporária e intergeracional que se instala às 3as e 5as feiras no Bloco Didático da Letras, no Centro de Humanidades da UFC. Leio para eles a “Canção às ocupações”, pensamos como o poema defende a importância de cada coisa e ser, que contém uma transcendentalidade imanente, e discutimos como a ideia de democracia ali apresentada muito pouco tem a ver com a democracia real estadunidense (que capturou, por assim dizer, a poética whitmaniana) ou com a própria noção de democracia limitada à noção do voto para os cargos dos poderes executivo e legislativo.

A esposa - e ela não é nem menos nem mais que o marido,
A filha - e ela é tão boa quanto o filho,
A mãe - e ela é tão importante quanto o pai.

A prole dos pobres - meninos aprendizes de ofícios,
A moçada trabalhando nas fazendas e os marmanjos trabalhando nas fazendas;

CRIAÇÃO E CRÍTICA

O ingênuo....o simples e durão....quem vai na urna votar....quem se divertiu, quem teve um dia terrível;
Mecânicos, sulistas, recém-chegados, marujos, marinheiros, mercadores, práticos,
Vejo toda essa gente....perto e longe vejo a mesma gente;
(WHITMAN, 2021, p.135-137)

Uma aluna observa como esse trecho a faz recordar do discurso de posse recente do então ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida. Procura o texto no celular e o lê em voz alta para nós.

Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.
Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós.
Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.
Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós.
Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós.
Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas para nós.
Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós.⁴

Voltamos ao Whitman. A coreografia tecnopolítica da produção, evidenciada sobretudo pela metonímia — gestos e objetos —, vai configurando uma *poiesis*. O trabalho como atividade criativa — desalienado, pois ligado à produção do comum — e pessoas e coisas desindividualizadas, pois singularizadas na sua relação com o

⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/DiscursodepossedoMinistroSilvioAlmeidapdf.pdf>

CRIAÇÃO E CRÍTICA

conjunto. Comento com eles como o poeta estadunidense foi amplamente traduzido e circulado na Rússia, nos anos iniciais após a revolução. No poema de Whitman, o ritmo frenético em que vão passando trabalhadores, mas sobretudo seus instrumentos de trabalho, antecipa *Um homem com uma câmera*, de Dziga Vertov. O poeta estadunidense permite, também, pensar aspectos das vanguardas russas por um caminho improvável, o que possibilita a discussão dos múltiplos sentidos contidos na ideia de *comunismo*, para além de sua institucionalização na forma do estado soviético — contrário ao que se costuma pressupor de estudantes de cursos de humanidades, “comunismo” é uma palavra assustadora para muitos ali presentes, passível de gerar desconfiança e risos nervosos.

Grãos e estrumes..marga, barro, argila..o arado..a pá e a picareta e o rastelo e a enxada..irrigação e drenagem;
A almofaça..a manta..o cabresto e as rédeas e os freio.. as mancheias de palha,
O celeiro e o terreiro..as tulhas e manjedouras..as medas e as grades:
Manufaturas..comércio..engenharia..construção de docas, e cada atividade conduzida ali..e os implementos de cada profissão,
A bigorna e pinças e o martelo..o machado e a cunha..o esquadro e a esquadria e a junteira e a plaina;
(WHITMAN, 2021, p.141)

E, no entanto, ao final, sem termos saído dela, o poema nos conduz de volta à própria sala de aula (onde invariavelmente, um ou outro aluno dorme):

Quando um curso universitário for mais convincente que o cochilo de uma mulher ou uma criança,
Quando o ouro no cofre sorrir como a filha do guarda-noturno,
Quando títulos de propriedade folgarem na cadeira oposta e forem meus adoráveis companheiros,
Vou querer estender minha mão e fazer deles o que faço com homens e mulheres.
(WHITMAN, 2021, p.147)

CRIAÇÃO E CRÍTICA

Saio da aula com a sensação de que, ao fim, estamos ali para salvaguardar o sono daqueles que dormem, que em seu sono profundo acessam a verdade do trabalho e do estudo por um ângulo inverso — pelo lado do descanso, pelo forro da pálpebra. Às vezes, quando leio para eles em voz alta, sou assombrada pelos *lectores de tabaquería*, uma função que existe desde o século XIX em Cuba e consiste em uma pessoa que lê romances para os operários das manufaturas de charuto durante suas extenuantes jornadas — e cujos salários eram frequentemente pagos pelos próprios enroladores de charutos. Mas que eles possam dormir, penso, já sinaliza que uma sala de aula é um espaço muito distinto do ambiente de trabalho.

*

Encarar o trabalho pelo seu avesso — o descanso — me parece importante. Mas insuficiente. Em uma aula sobre o conceito de ficção, discuto os paradigmas já bastante conhecidos de Rancière: a transição do regime mimético ao regime estético. Para o filósofo, há uma revolução literária na modernidade que suprime a barreira entre os acontecimentos e as sequências de acontecimentos considerados dignos de ficção e os fatos e sucessões de fatos considerados simplesmente como a realidade cotidiana das pessoas comuns. A ação é, em realidade, uma esfera de existência.

A racionalidade poética dos encadeamentos necessários ou verossímeis se aplica a esses homens ditos *ativos* porque vivem no tempo dos fins: aqueles a que a ação se propõe, mas também esse fim em si mesmo que constitui a forma privilegiada de inação chamada lazer. Esse tempo se opõe claramente ao tempo dos homens ditos *passivos* ou *mecânicos* não porque estes não fazem nada, mas porque toda sua atividade está encerrada no círculo dos meios que visam aos fins imediatos da sobrevivência, e no qual a própria inação nunca é mais que o repouso necessário entre dois gastos de energia. (RANCIÈRE, 2021, p.134).

O ócio (e também o tédio) é formulado como aquilo que não é nem trabalho, nem o descanso resultante da exaustão, mas que é interdito como possibilidade para

CRIAÇÃO E CRÍTICA

aqueles dedicados às atividades de reprodução e produção da vida. A democratização, na literatura, da experiência de um tempo vazio, transforma o tempo na própria matéria da literatura. Não se trata, portanto, apenas do protagonismo das camadas sociais antes excluídas da arte, que passariam à esfera da ação — o sonho do realismo soviético. É por estarem na esfera da ação que terão, também, como conquista, principalmente, o tempo livre, o tempo do desejo e da imaginação. Uma aluna, que assistia pela primeira vez minha aula, convocada em uma chamada de vagas remanescentes, me interrompe para dizer que ela havia largado seu emprego noturno no Complexo Industrial e Portuário do Pecém para poder estar ali. Ela havia liberado seu tempo para poder se dedicar àquilo que seria, na sua concepção, o oposto de seu posto de trabalho, e que permitiria a ela imaginar outra vida e outro emprego. Lemos o início de *Ao farol*, de Virginia Woolf. Um outro aluno, formado no circuito dos teatros populares de bairro, parece mais cético e me pergunta se o que estaria sendo democratizado (ou imposto como ideal democrático) não seria a própria noção burguesa de ócio e lazer. A pergunta é excelente. Comento que, em resposta a *Um teto todo seu*, também de Virginia Woolf, Audre Lorde escreveu que “ter um quarto todo seu pode ser uma necessidade para escrever prosa, mas também são as resmas de papel, uma máquina de escrever e tempo de sobra.” Na visão de Lorde, era isso que tornava a poesia um meio mais popular na contemporaneidade: porque exigia menos material e podia “ser realizada nos intervalos entre turnos, na despensa do hospital, no metrô, em sobras de papel.” (LORDE, 2019, p.144) Talvez não seja menos relevante que a jovem aluna radiante em seu primeiro dia de aula precisou abandonar o curso no semestre seguinte para reassumir o seu posto de trabalho: mãe de uma criança pequena, o salário do marido não foi o suficiente para sustentá-los. Acolher os choros furiosos de nossos estudantes, nenhuma formação acadêmica nos prepara para isso.

*

~~Se não o ócio, então o sonho. Algo que está contido no descanso, mas o transcende. “Os sonhos de Leopoldina”, de Silvina Ocampo. Aqui eu iria esboçar o gesto de transcender as constrictões do trabalho pela via onírica, mas parece que algo falsearia~~

CRIAÇÃO E CRÍTICA

~~no argumento. Sonhos fascinam meus estudantes porque sonhos são fascinantes, e não porque eles reduzem o peso do cansaço de suas jornadas extenuantes.~~

*

É também Rancière, no final da sua introdução de *A noite dos proletários*, quem dirá que “diante do niilismo da sabedoria oficial, é necessário se instruir na sabedoria mais sutil daqueles que não tinham o pensamento como profissão e que, não obstante, desordenando o ciclo do dia e da noite, nos ensinam a voltar a colocar em questão as relações entre as palavras e as coisas, o antes e depois, o consenso e a recusa.” (RANCIÈRE, 2010, p.25, tradução minha). Curiosamente, é justamente entre aqueles que têm “o pensamento como profissão” que se populariza a noção de que o trabalho já não é uma categoria teoricamente relevante. *Como se o trabalho não fosse bom para pensar*. De fato, em alguns ambientes, muito também em reação a uma visão monolítica do trabalho como o grande equalizador ou como chave-mestra interpretativa, tudo parece indicar que se estudarmos o suficiente, também chegaremos a essa conclusão cristalina. Com os meus estudantes também preciso realizar esse *trabalho*, discutindo a relação entre trabalho livre e trabalho escravizado na própria produção da branquitude, bem como a diferença entre trabalho produtivo e reprodutivo na divisão sexual do trabalho. No entanto, do ponto de vista deles, o trabalho é, justamente, aquilo que os diferencia dos estudantes do diurno. Se em ambos os turnos há representação equitativa de pretos e pardos, pessoas lgbs e mulheres, é o conhecimento em primeira mão do trabalho (não, portanto, como uma condição genealógica de filhos e filhas da classe trabalhadora), que lhes dá sua especificidade. Isso não significa mantê-los dentro da passividade mimética, nem tampouco significa romantizá-los como os grandes agentes da transformação histórica-mundial. Mas significa, talvez, reconhecer que chegarão, muitas vezes, à literatura não pelo ócio ou pelo lazer, mas, justamente, pelo trabalho. Depois da última aula do 1º semestre, quando levei a eles o primeiro livro de poesia que comprei, na adolescência, com a minha mesada resultante da lavagem do carros do meus pais (o trabalho como pedagogia, *ethos* da classe média ascendente), e li de suas páginas surradas “A flor e a náusea” — “meu ódio é o melhor de mim” —, um aluno, que sempre dizia não entender nada de literatura, mas parecia sempre entender tudo, se aproximou

CRIAÇÃO E CRÍTICA

da minha mesa e disse: “professora, o primeiro navio em que trabalhei se chamava Carlos Drummond de Andrade”.

Referências

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *As margens da ficção*. Trad. Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *La noche de los proletarios: archivos del sueño obrero*. Trad. Enrique Biondini et al. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

WHITMAN, Walt. *As folhas da relva*. Trad. Rodrigo Garcia Lopes. 2ª edição (revista e ampliada). São Paulo: Iluminuras, 2021.

Submetido em: 30/09/2024

Aceito em: 11/11/2024